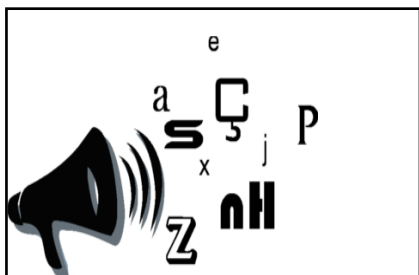


«A hegemonia lingüística combate-se ante todo e sobretudo nom no domínio lingüístico mas por meios políticos e no domínio político» (Lei de ferro da sócio-lingüística, Princípio de Calvet).

EDITORIAL

Mais do que um debate bizantino (II)**Regressa porta-voz compostelano da Associação Galega da Língua | Novos conteúdos para idênticas finalidades**

Estás a ler o primeiro exemplar da nova época do «Constantinopla». Nas suas origens foi um boletim lingüístico que focava o seu interesse na Faculdade de Filologia. Nesta nova época que encetamos, queremos fazer um boletim mais compostelano... e digital, que se vai difundir através da Rede;



mais ecológico, aforrando papel para chegar directamente à tela do teu computador (nom queremos ter qualquer responsabilidade na mudança climática!).

Um «Constantinopla» que continue a informar sobre a actualidade lingüística local, nacional e internacional; que contribua para a formação de falantes conscientes. Com o cabeçalho «Constantinopla» remetíamos para um 'insigne' catedrático asturiano, que talvez vós já nom conheçades, relevante por ter protagonizado a deriva castelhanizante da normativa oficiosa do

galego. Também aludíamos à capital do Império Bizantino, famosa polos seus debates estereis. Porém, o debate da normativa continua a ter mais importância da que alguns lhe querem dar: a normalização de um idioma é impossível sem umha adequada e prévia normatização.

Prova-o a crescente adesom das pessoas mais dinâmicas do movimento normalizador à tese que continuamos a defender: a unidade lingüística galego-portuguesa para resituar o nosso idioma no âmbito que lhe é próprio, a Lusofonia. Só assim a nossa língua poderá atingir na Galiza um status de língua plenamente normalizada.

Este boletim ressurgue agora ao serviço do reintegracionismo como porta-voz da Associação Galega da Língua (com mais de 25 anos de trabalho em prol do idioma às suas costas), mas já na sua primeira época foi a expressão da Associação Reintegracionista Bonaval, um colectivo que, como muitos mais criados noutras localidades ao longo do País, marcárom o início de um novo modo de entender o processo normalizador, colocando a nossa proposta normativa na rua.

AGAL-COMPOSTELA

AVANÇO

| INTERNACIONAL |

João Aveledo / Uma língua minorizada, dialectalizada e abastardada como a falada na Galiza, tem duas graves questões que afrontar se quer sobreviver: elaborar uma coíné - padrão lingüístico adequado- e conseguir uma normalidade social. Mas a normatização é requisito prévio para a normalização -factores intimamente ligados entre si-. Quando se tem um problema, a melhor solução costuma ser analisar o jeito em que outros tentaram resolver problemas similares. / (Página 2...)

| PORQUÊ SOU REINTEGRATA |

Suso Sanmartin /Eu sou reintegrata graças a um dicionário ou, se preferirdes, pola sua culpa. Mas, ao contrário do que pudéssedes pensar, nom sou reintegrata por culpa do *Estraviz*, nem do *Aurélio*, nem do *Dicionário da Porto Editora*, sou reintegrata graças ao *Diccionario Xerais da Lingua (DXL)*. "Eu sou ateu graças a Deus", dizia irónico o Luís Buñuel. Do mesmo jeito, paradoxal só em aparência, eu sou reintegrata graças ao livro que, para pessoas como a super-tacanhona do *Cifras e Letras*, é palavra de Deus revelada. / (Página 3...)

FALAMOS DE...

- BREVE PERCURSO lingüístico pola Europa / 2
- APRENDENDO a responder com o verbo / 3
- O HUMOR de Xaquín Marín / 3
- SUSO SANMARTIN explica porque é reintegracionista / 3
- VOLUNTARIADO LINGÜÍSTICO em Compostela / 4

ACTUALIDADE LINGÜÍSTICA

▶ **22-11-2006** / PRISA instala edição para Galiza do «El País» em Compostela.

▶ **28-11-2006** / Câmara Municipal nom responde à moçom da Gentalha do Pichel para galeguizar praça 'de Galicia'.

▶ **05-02-2007** / BNG apresenta campanha «Aprende a ler português em 25 segundos».

▶ **16-02-2007** / Apresentação pública do Voluntariado pola Língua.

▶ **19-02-2007** / Começam primeiras experiências do Voluntariado.

▶ **25-03-2007** / XVII aniversário da morte de Ricardo Carvalho Calero. Reedição, em formato digital, do boletim «Constantinopla».

Aprender português em Compostela

Mais oportunidades para aprender português em Compostela, mormente de forma gratuita.

- Casa Latino-Americana na Galiza (r/Sam Lourenço 46). Informação em clamgaliza@hotmail.com ou no 981 591 437.

- A Gentalha do Pichel (r/Santa Clara nº 21). Mais informação em gentalha@agal-gz.org.

- Centro de Línguas Modernas da USC (<http://www.usc.es/idiomas>).

- A Escola Oficial de Idiomas. Informação no número 981 55 47 10.

- Instituto de Ciências da Educação (www.usc.es/ice). /C

ESQUISITICES

“ Galiza deve ser umha comunidade trilingüe (...). A aprendizagem do inglês é a melhor forma de exportar o idioma e a cultura galegas».

ALBERTO NÚÑEZ FEJOO, presidente do PPdeG. **26/02/2007**

INTERNACIONAL

Breve percurso linguístico pola Europa

João Aveledo / (... página 1)

Quando se tem um problema, a melhor solução costuma ser analisar o jeito em que outros tentaram solventar problemas similares: convidamos-vos, pois, a um breve percurso pola Europa para examinar os êxitos e fracassos de três processos normalizadores.

Começemos polo caso occitano. A língua ocitana fala-se numa trintena de Departamentos do centro e sul da França, vales da vertente oriental dos Alpes italianos e no vale d'Aran -Catalunha-. Teve grande prestígio literário ao longo da sua história, desde o esplendor da sua lírica trovadoresca medieval à Renascença no séc. XIX, liderada polo prémio Nobel F. Mistral. Mas todas estas glórias literárias não serviram para evitar a sua progressiva desapareção. A decadência arranca do decreto de imposição do francês -edito de Viller-Cotterêts, 1539-. O 'culturalismo'

mativizaram uma língua dialectalizada adoptando um padrão comum a dos seus vizinhos holandeses; e desde 1938 aplicaram a territoriali-

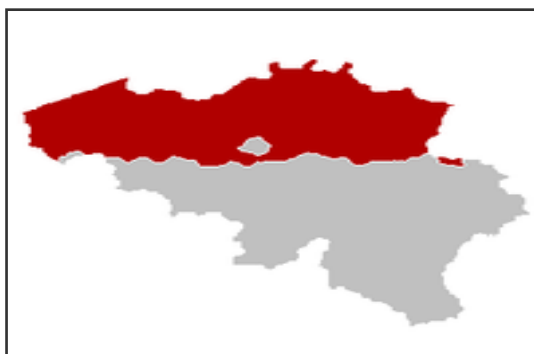
Zarko Muljacic, defensor do conceito 'língua por elaboração' é um dos principais referentes dos 'oficialistas' galegos

dade linguística, que consagrou o monolinguismo social. É claro que a maior parte dos flamengos são poliglotos, mas entre eles só falam na sua língua... e este país não é precisamente um dos mais atrasados da Europa.. Ainda, o neerlandês da Flandres continua a chamar-se popularmente flamengo -*vlaams*- e

Flandres continua a fazer parte da Bélgica.

A obediência à mitra de Roma dos croatas e a dos sérvios à de Constantinopla, levou a que o idioma comum destes povos se escrevesse com dous alfabetos diferentes -latino e cirílico-. O servo-croata é uma língua eslava falada nas agora independentes Sérvia, Montenegro, Bósnia-Herzegovina e Croácia e

ao longo da agitada história destes territórios houve diversas tentativas de destruir esta unidade linguística. Nas últimas décadas, como consequência da guerra, do ódio interétnico e dos interesses políticos, as tendências isolacionistas têm aumentado a sua influência em Zagreb... Não por acaso o croata Zarko Muljacic, defensor do conceito de "língua por elaboração" é um dos principais referentes intelectuais dos "oficialistas" galegos... E ainda há agora no Montenegro independente quem fale dum novo idioma... Porque, como já dizíamos em 1993, isto é mais do que um debate bizantino. /C



A população da Flandres (escuro) consagraram a territorialidade linguística na Bélgica

dos protagonistas da Renascença de XIX obviaram que detrás de um conflito linguístico há sempre um conflito político, e a adopção de um modelo linguístico dialectalizado -baseado na fala provençal- e escrito com a ortografia francesa -modelo maioritariamente rejeitado agora- só facilitaram o caminho à língua opressora. Curiosamente, hoje o occitano só é co-oficial no Val d'Aran -Lleida-, o território onde melhor se conserva, o que demonstra a eficácia jacobina do Estado Francês.

Mais ao norte, os flamengos conseguiram normalizar o seu idioma frente ao francês aplicando dous princípios para nós muito conhecidos: reintegracionismo linguístico e monolinguismo social. Primeiro nor-

HUMOR

| XAQUÍN MARÍN |



PORQUÊ SOU REINTEGRATA?

== | SUSO SANMARTIN | ==

(... página 1)

O DXL entrou na casa dos meus pais da mão duma vendedora do *Círculo de Lectores*. Disto deve haver 20 anos porque o exemplar que temos na casa pertence à 1ª re-impressom (FEV-1987) da sua 1ª edição (DEZ-1986). Gostava da clareza da sua maqueta, das primorosas ilustrações do Xan López Domínguez e de que todas as palavras vinhessem com a sua correspondente etimologia. Dalguns vocábulos (*erve-llo; chuva; nocelo*), ao final do verbe-te, o DXL trazia as variantes dialectais diferentes (*ervella; choiva; nocello, noelo, nortello*) à variante preferida pola norma. Mas nem todas.

Suspeitosamente o DXL nom incluía variantes cuja existência no território da C.A. de Galicia estava documentada (empregues na minha casa à hora do almoço) mas que coincidiam, vaia por Deus, com o *português padrão* (*ervilha; chuva; tornozelo*). Os principais valedores da Norma ILG-RAG nom só nom escolhiam para o *galego normativo* aquelas variantes coincidentes com o *português padrão* (coisa que eu, proto-reintegracionista, teria visto com bons olhos) senom que sistematicamente ocultavam a sua existência!

Suponho que daquela eu pensava que galego e português eram línguas diferentes. Diferentes mas muito semelhantes e nom via que problema havia em tirar vantagem deste assombroso parecido. Por isso me enfadei tanto quando descobrim a fraude perpetrada polo DXL. Era claro que se tratava de criar uma *Língua Galega* afastando-a artificialmente do *Português* e eu nom podia em absoluto concordar com isso. A pouco a pouco fum passando do filo-reintegracionismo ao reintegracionismo praticante. A minha evolução ortográfica pode ser acompanhada através das charges que, entre 1994 e 2002, publiquei n'*A Nossa Terra*.

Com efeito, fum eu quem durante uma visita ao *minhocário* do Ass. *Terra Vista*, do MST, na Bahia, dixu: "*Uma língua que chama minhocas às minhocas não pode ser outra língua!*" Mas essa é outra história. /C

<http://angueiradesuso.agal-gz.org>

APONTAMENTOS LINGÜÍSTICOS

Responde com o verbo

E.S.M. / Têm razão em Espanha -mas cada vez menos- quando dizem que os galegos nom respondemos 'nem sim nem nom'. Com efeito, a resposta tradicional galega é um pouco mais complexa que a corrente além do Padornelo, transmitindo muitos mais

matizes semânticos e afectivos. A correcção lingüística nom deve limitar-se aos textos escritos, e nesta secção, queremos chamar

a atenção para um traço característico da nossa língua oral muito vivo nos restantes países lusófonos e que na Galiza perde terreno em prol de um modo de responder 'à espanhola' até há pouco considerado 'seco' polos nossos velhos.

Resposta às perguntas imparciais

Em galego há dous tipos de perguntas, as parciais e as imparciais, isto é, as formulada com advérbios ou pronomes interrogativos (quando, quanto, como, que, porque, etc.) e as formuladas com um verbo. Da resposta a estas últimas

queremos falar-vos agora:

- Queres café? - Quero.
- Queres café? - Nom quero, nom.

A qualquer conhecedor, activo ou passivo, da nossa língua, o tipo de resposta exemplificado acima continuará a parecer do mais natural.

Porém, é um facto que recua em favor de 'Sim' ou 'Nom'. Quer isto dizer que a simples resposta com os advérbios de afirmação ou negação nom *existam*? Nom, existem, mas traduzem um

interesse quanto à nossa interlocução e a sua mensagem bem diferente, mesmo de desinteresse.

Assim, entre a resposta que reflecte um claro interesse na conversa que estamos a manter (Quero/Nom quero, nom) e a que mostra certo distanciamento da mesma (Sim/Nom) há em galego umha infinidade de variantes que os galegofalantes naturais dominam ainda com destreza (Sim, sim/Quero, sim/Nom, nom). A mais natural, e a que devia ser mais habitual na língua oral, é, no entanto, a exemplificada acima, e nom devemos permitir que continue a perder terreno. /C



O VERSO

Está na hora de ganharmos falantes

O Voluntariado pola Língua já está em andamento na capital do País | Quase um centenar de pessoas participam | A experiência normalizadora tem o seu referente em Valência

A ideia do Voluntariado havia anos que se estava a promover com êxito noutros países europeus, juntando dezenas de milhares de pares lingüísticos. A Galiza chegou atrasado, mas não tarde. Com ele está a ser possível dar um âmbito de aquisição da nossa língua a pessoas que, querendo dar passos nesse sentido, não dispõem de um ambiente propício para a usarem, quer por serem limitado as suas relações pessoais a espaços maioritariamente castelhanófonos quer por terem aterrado no nosso país há pouco tempo.

O primeiro organismo a pô-la a andar foi a Direcção Geral de Juventude e Solidariedade, em coordenação com a Mesa pola Normalización Lingüística, mas o reintegracionismo já estava a trabalhar nela havia tempo, e

a Gentalha do Pichel já pugérom em andamento um ambicioso programa para a capital da Galiza, e noutras cidades do País (como Ferrol, Vigo e Ponte Areias) não ficárom atrás. A iniciativa será tanto mais positiva quanto mais espalhada estiver ao largo da nossa geografia, seja qual for o colectivo organizador. Neste sentido, só nos resta aplaudir que as instituições também tenham enveredado por este caminho, mas será preciso sobretudo que a sociedade civil a assuma como pró-



Logótipo do Voluntariado pola Língua, iniciativa da AGAL-Compostela e a Gentalha do Pichel

Quase 100 participantes

O funcionamento do programa é bem simples. Consiste em pôr em contacto pessoas que usam habitualmente o galego com pessoas que não só não usam, como também têm dificuldades para o empregarem, por não o dominarem nem encontrarem um âmbito para se lançarem a usá-lo. Cada par (um voluntário ou voluntária e um/ha aprendiz) compromete-se a combinar um mínimo de dez encontros de umha hora (mais ou menos um por semana durante três meses) para que o ou a aprendiz possa manter umhas primeiras conversas em galego que favoreceram a sua instalação na nossa língua.

Aos e às aprendentes (normalmente pessoas vindas de fora ou galegos e galegas de âmbitos urbanos que se tenham socializado completamente em espanhol) só se exige que compreendam minimamente o galego, e aos voluntários e voluntárias a responsabilidade de utilizarem um galego da melhor qualidade possível nesses encontros. A finais de Janeiro já havia mais de 100 pessoas a participar no programa. Podes seguir as suas experiências no blogue voluntariado.agal-gz.org. 7C



Na experiência normalizadora onde participam pessoas vindas de todo o mundo

logo se uniu a esta positiva dinâmica, que promete vir a aumentar em próximos anos. O grupo da AGAL de Compostela e

pria, pois a experiência di-nos que, quanto ao idioma, a tutela institucional não costuma dar certo.